

## PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PELAS ÍNDIAS TERENAS

**Paulo Augusto de Arruda Dias Júnior<sup>1</sup>, Sandra Cristina de Souza<sup>2</sup>**

UEMS, Departamento de Eng. Florestal - Rodovia Aquidauana/UEMS - Km 12 - CEP: 79200-000, E-mail: paulinhocuca@hotmail.com; <sup>1</sup>Bolsista de Extensão da UEMS, Bolsista FUNDECT. <sup>2</sup>Orientadora, Professora Geografia Jardim.

### RESUMO

Este trabalho apresenta um levantamento das plantas medicinais utilizadas pelas índias Terenas do Mato Grosso do Sul, na tentativa de resgatar a cultura descaracterizada ao longo dos anos. Os parâmetros considerados foram a frequência de uso das plantas e suas indicações populares para determinadas doenças, baseando-se em entrevistas realizadas nas comunidades, em que foram mencionadas 63 plantas. Amostras das plantas foram coletadas e identificadas. As plantas mais citadas foram agrupadas de acordo com seus dados químico, farmacológico e/ou toxicológico encontrados na literatura científica. A pesquisa mostra que a comunidade indígena dos Terenas faz uso de muitas espécies vegetais sem dados químico e farmacológico registrados, bem como de outras que já foram alvo de pesquisa científica, mas que necessitam ainda de estudos complementares para garantir segurança para um uso geral e preparação de fitoterápicos.

**Palavras chave:** Fitoterapia. Indígenas. Mato Grosso do Sul.

### INTRODUÇÃO

Apesar de sustentar-se em história milenar, a infraestrutura para a pesquisa em medicina tradicional está muito menos desenvolvida que a da medicina convencional. Morais *et al* (2005) relatam que entre os índios tapebas do município Caucaia – CE, foram identificadas 63 plantas utilizadas como medicinais, mas somente 49 tiveram suas ações relatadas, pois foram mais citadas, e destas somente 23 tiveram suas propriedades terapêuticas determinadas. Tais informações foram descritas de acordo com os relatos dos índios entrevistados, utilizando um formulário de entrevista.

A pesquisa com plantas medicinais pode não só contribuir para o melhor uso destes recursos pelas populações tradicionais, mas também trazer à luz o conhecimento de novas e efetivas drogas no combate a diversos males. O conhecimento acumulado por estas populações, através dos séculos de contato estreito com seu meio ambiente, viria enriquecer o pouco que ainda sabemos sobre a utilização da flora tropical. Assim também eles seriam beneficiados com as descobertas científicas das plantas com potencial medicinal, talvez, desconhecidas por eles (AMOROSO; GÉLY, 1988).

A importância de se estudar o conhecimento e uso tradicional das plantas medicinais podem ter três implicações distintas (AMOROZO, 1996; ELISABETSKY, 2001):

- Resgatar o patrimônio cultural tradicional, assegurando a sobrevivência e perpetuação do mesmo;
- Aperfeiçoar os usos populares correntes, desenvolvendo preparados terapêuticos (remédios caseiros) de baixo custo;
- Organizar os conhecimentos tradicionais de maneira a utilizá-los em processos de desenvolvimento tecnológico.

O presente projeto teve como objetivo compartilhar com as mulheres Terenas participantes do grupo de estudos dos Direitos das Mulheres Indígenas - Programa de Extensão do LAPPEMA - LABORATÓRIO DE PESQUISA EM POPULAÇÕES TRADICIONAIS, ETNOLOGIA E MEIO AMBIENTE, conhecimentos na área de fitoterapia e o como manejar agronomicamente as plantas medicinais.

## **MÉTODO**

O trabalho foi realizado nos municípios de Aquidauana, Anastácio, Miranda, Nioaque e Dois Irmãos do Buriti, todos no Estado de Mato Grosso do Sul na região do Alto Pantanal. Envolvendo entrevistas com cerca 45 moradoras das comunidades indígenas. Para o desenvolvimento deste trabalho foram realizadas as seguintes etapas:

- a) levantamento das plantas utilizadas como medicinais na comunidade indígena através de entrevistas e preenchimento de formulários adequados;
- b) identificação das espécies coletadas;
- c) revisão na literatura científica para cada espécie, obtendo informações sobre o uso popular, a composição química, a atividade farmacológica estabelecida e a toxicidade, através de levantamentos em periódicos científicos e livros específicos desta;
- d) realização workshops com mulheres Terenas sobre a produção, manejo e manipulação de plantas medicinais recomendadas pelo Sistema Único de Saúde;
- e) criação de hortas orgânicas fitoterápicas caseiras.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As plantas mais referidas pelas índias Terenas resultaram, após a identificação, em 57 táxons identificados até espécie, dois identificados apenas pelo gênero e quatro plantas não identificadas, perfazendo-se, então, um total de 63 táxons. As famílias com maior número de espécies mencionadas foram Lamiaceae (5), Liliaceae (5), Anacardiaceae (4), Euphorbiaceae (4) e Fabaceae (5).

Das 63 plantas referidas somente 49 tiveram suas ações relatadas, pois foram mais citadas. Tais informações foram descritas de acordo com os relatos dos índios entrevistados, utilizando um formulário de entrevista.

As espécies mais utilizadas pelos índios foram agrupadas em três categorias distintas. A categoria 1 agrupa nove plantas cujo uso é considerado validado. A categoria 2 contém cinco plantas cujas atividades farmacológicas foram bem determinadas. No entanto, estas apresentam limitações no uso devido à toxicidade quando usadas em altas doses. A categoria 3 agrupa nove plantas que são pouco conhecidas quimicamente, mas que contam com alguma atividade biológica detectada. A seguir estão listadas as categorias estabelecidas e as informações obtidas para algumas espécies na pesquisa bibliográfica, a qual enfocou a constituição química e a atividade biológica.

### **Categoria 1. Plantas de uso validado**

**Cymbopogon citratus (DC.) Stapf (Capim-santo)** – A ação calmante e espasmolítica leve comprovada é atribuída ao citral presente no óleo essencial, onde também é encontrado o mirceno, responsável pela sua ação analgésica (MATOS, 2000).

**Ocimum gratissimum L. (Alfavaca)** – As ações biológicas são justificadas pelo seu óleo essencial contendo eugenol, que confere à planta um poder anti-séptico, e ainda o 1,8-cineol, um princípio balsâmico responsável pelo emprego eficaz da planta na preparação de banhos anti-gripais em crianças (MATOS, 2000). Estão presentes também na composição do óleo, metil-eugenol, g-selineno, chavicol, nerol, timol, trans-cariofileno, terpineno, canfeno, carvacrol, a e b-pineno, entre outros componentes minoritários. Alguns dos usos populares foram verificados cientificamente, como a atividade relaxante sobre o músculo liso do intestino e a ação fungicida contra quatro espécies do gênero *Candida* (NAKAMURA *et al.*, 2004).

### **Categoria 2. Plantas de toxicidade estabelecida**

**Aloe vera L. (Babosa)** - A babosa tem ação cicatrizante, antibacteriana, antifúngica e antivirótica pela presença das antraquinonas como aloenina, barbalóina e iso-barbalóina em sua composição química (MATOS, 2000). Tais propriedades justificam seu uso popular, mas por causa da sua ação nefrotóxica em doses altas, não deve ser usada como lambedor, pois nessa preparação o teor de seu princípio predominante é aumentado e pode causar severa crise de nefrite aguda. Tendo grande capacidade de regenerar tecidos lesados, o gel que a planta

contém, onde estão presentes alguns tipos de glicoproteínas e polissacarídeos, pode ser usado seguramente sobre a pele na forma de emplastro (MATOS *et al.*, 2001).

**Chenopodium ambrosioides var. anthelminticum (L.) A. Gray (Mastruço ou mastruz)** – O uso do óleo essencial desta espécie como anti-helmíntico para humanos foi substituído por medicamentos mais modernos e seguros devido a sua toxicidade. O óleo de quenopódio, como é chamado, contém ascaridol, um potente anti-helmíntico que tem sido também responsável por fatalidades em humanos. De acordo com Matos et al. (2001), quando injetado na corrente sanguínea de animais (coelhos, gatos e cachorros), o óleo provoca uma depressão da circulação, respiração e movimentos intestinais.

**Phyllanthus amarus Schum. et Thonn. (Quebra-pedra)** – Várias atividades biológicas têm sido relatadas para esta planta como inibitória da replicação do vírus HIV (NOTKA *et al.*, 2004), anti-alodínica e anti-endematogênica do extrato e lignanas (KASSUYA *et al.*, 2003), inibição de lesão gástrica e inflamação (Raphael; Kuttan, 2003), antitumoral e anticarcinogênica (RAJESHKUMAR *et al.*, 2002) Análise química tem evidenciado a presença de vários constituintes pertencentes às classes dos taninos hidrolisáveis (FOO; WONG, 1992), lignanas e alcalóides pirrolizidínicos, mas ainda não se sabe qual é seu princípio ativo. É considerado tóxico em altas doses devido a presença dos alcalóides pirrolizidínicos (MATOS, 2000).

### **Categoria 3. Plantas pouco conhecidas quimicamente e com alguma atividade biológica comprovada**

**Bauhinia unguolata L. - (pata de vaca)** - Embora sua atividade hipoglicemiante tenha sido comprovada em vários experimentos, um único estudo químico registra a presença de insulina nos cloroplastos das células foliares (LORENZI; MATOS, 2002).

**Bixa orellana L. (Urucum)** – Desde os tempos mais remotos os indígenas brasileiros usam o pigmento do urucum como proteção contra insetos e queimaduras por exposição ao sol. Também amplamente usado como corante dos alimentos na cozinha nordestina. As sementes são referidas na literatura etnofarmacológica como medicação estomáquica, tonificante do aparelho gastrointestinal, antidiarréica, antifebril bem como para o tratamento caseiro das palpitações do coração, crises de asma, coqueluche e gripe. Empregado na medicina popular, na forma de chá ou maceradas em água fria ou como xarope nos casos de faringite e bronquite. Na semente ocorre um óleo rico em all-E-geranilgeraniol, monoterpenos e sesquiterpenos oxigenados, além dos carotenóides bixina e norbixina responsáveis pela sua cor e alfa e beta-caroteno (LORENZI; MATOS, 2002).

**Justicia pectoralis Jacq. (Anador)** – Esta é uma dentre várias espécies pertencentes a diferentes famílias botânicas do nordeste brasileiro que têm em comum a presença de cumarina em sua composição. Tais espécies são referidas na medicina popular no tratamento de doenças do aparelho respiratório (ROCHA, 1945). Um estudo fitoquímico das folhas mostrou, além da presença de cumarinas, flavonoides, saponinas e taninos, sendo sua atividade anti-inflamatória e broncodilatadora demonstrada experimentalmente (LEAL *et al.*, 2000).

## CONCLUSÃO

As índias Terenas, assim como a população em geral fazem uso de plantas medicinais no tratamento de suas doenças. No entanto, para muitas das espécies utilizadas não existem trabalhos científicos que garantam seu uso seguro, por meio do conhecimento químico, farmacológico e da toxicidade destas plantas. Outro fato observado foi o da não concordância do conhecimento científico atual com o uso popular, como é o caso da boa-noite-branca, utilizada pelas índias Terenas contra dor, enquanto que as pesquisas indicam a ação de alguns de seus alcaloides contra determinados tipos de câncer.

## AGRADECIMENTOS

À FUNDECT-MS, pela bolsa concedida e à UEMS, pelo apoio logístico e institucional.

## REFERÊNCIAS

- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: arte e ciência**. São Paulo, SP: UNESP, 1996.
- AMOROSO, M. C. M.; GÉLY, Anne. **Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas**. Barcarena, PA: UNESP, 1988.
- ELIZABETSKY, E. Etnofarmacologia como ferramenta na busca de substâncias ativas. In: SIMÕES, C. M. O. et al. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 3 ed. Porto Alegre/Florianópolis: Ed. UFRGS/ Ed. UFSC, 2001.
- MORAIS, S. M. et al. Plantas medicinais usadas pelos índios tapebas do Ceará. Fortaleza, CE: **Revista Brasileira de Farmacognosia**, 2005.

FOO L. Y.; WONG, H. Y. Phyllanthusiin D, an unusual hydrolysable tannin from *Phyllanthus amarus*. **Phytochemistry**, 1992.

KASSUYA, C. A. L. et al. Anti-allodynic and anti-oedematogenic properties of the extract and lignans from *Phyllanthus amarus* in models of persistent inflammatory and neuropathic pain. **Eur J Pharmacol**, 2003.

LEAL, L. K. A. M. et al. Antinociceptive, antiinflammatory and bronchodilator activities of Brazilian medicinal plants containing coumarin: a comparative study. **J Ethnopharmacol**, 2000.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais do Brasil: nativas e exóticas cultivadas**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002.

MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais – Guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no Nordeste do Brasil**, 2ª edição. Fortaleza: Imprensa universitária da UFC, 2000.

NAKAMURA, C. V. et al. In vitro activity of essential oil from *Ocimum gratissimum* L. against four *Candida* species. **Res Microbiol**, 2004.

NOTKA, F.; MEIER, G.; WAGNER, R. Concerted inhibitory activities of *Phyllanthus amarus* on HIV replication in vitro and ex vivo. **Antivir Res**, 2004.

RAJESHKUMAR, N. V.; et al. Antitumour and anticarcinogenic activity of *Phyllanthus amarus* extract. **J Ethnopharmacol**, 2002.

RAPHAEL, K. R.; KUTTAN, R. Inhibition of experimental gastric lesion and inflammation by *Phyllanthus amarus* extract. **J Ethnopharmacol**, 2003.

ROCHA, D. **Formulário terapêutico de plantas medicinais cearenses, nativas e cultivadas**. Fortaleza: Progresso, 1945.